

## OS PARÂMETROS DE BELEZA: A REVISTA PLAYBOY (1975-2005) COMO ESPAÇO DA PRODUÇÃO HISTÓRICA.

**Giulle do Nascimento e Silva**

Universidade Estadual da Paraíba  
giulle2@gmail.com

**Co-autora: Silvânia Noberto das Chagas**

Universidade Estadual da Paraíba  
silvanianobertochagas@gmail.com

Estética, forma e corpo são mecanismos e atributos explorados pela mídia que ao ofertar produtos causam e liberam fetiches e fortalece a busca pela perfeição corpórea feminina e/ou masculina. No caso das mulheres elas são mais bombardeadas pela imprensa midiática a seguirem um padrão de beleza de corpo “perfeito”, de corpo considerado ideal<sup>1</sup>, a influência, podemos perceber, começa logo cedo com a chegada de uma Boneca Barbie a vida de uma menina, que menina hoje em dia não pensa em ter uma bonecas dessas em sua coleção de brinquedos, e como não imaginar a imagem da Boneca Barbie como um espaço de pedagogização? Uma boneca que traz uma perfeição física incomum: branca, loira, de olhos claros e porte físico magro, imagem que é impressa a todo momento na cultura do culto ao corpo, então começamos com as nossas crianças, em especial com as nossas meninas, a informá-las que essa boneca que ela carrega nos braços é um modelo de beleza. Mas queremos falar de pessoas adultas, se construímos espaços de poder direcionados para a corporeidade infantil, então porque não construir para a corporeidade adulta, percebemos assim que na nossa contemporaneidade possuímos um espaço pedagógico corporal da mídia impressa. Que constrói um espaço de poder significativo, estamos falando sobre a Revista Playboy (1975-2005) a nossa fonte de pesquisa nesse artigo. Uma revista de entretenimento erótico direcionado para os homens, que traz em suas páginas fotografias de mulheres nuas que mostram seus corpos considerados ‘perfeitos’ em seu determinado momento.

A Revista Playboy (1975-2005) surgida no contexto de expansão da produção cinematográfica e televisiva onde são criados pelos homens padrões de beleza para

---

<sup>1</sup> Corpo bronzeado, malhado, sarado, lipoaspirado e siliconado. (ORTEGA, 2008, p.38).

serem seguidos pelas mulheres. Os corpos nus das mulheres funciona como a flecha de Eros fazendo despertar, sobretudo nos homens principais leitores da Revista, todo um erotismo em relação aquele padrão de beleza possuído pelas modelos. Nesse sentido, passam a desejar mulheres dentro daquele ideal de corpo e beleza. Ou seja, as fotografias encontradas na Playboy “exercem um poder” sobre os homens e, portanto funcionam como um artefato pedagógico.

(...) é possível pensar as revistas voltadas para o público feminino, (...), como um artefato pedagógico que exerce poder sobre as mulheres e meninas, ensinando técnicas de como lidar com o corpo. Isso porque os discursos das revistas para mulheres e meninas me parece que se equivalem, de alguma forma, repetindo receitas e dicas para atingirem aquele corpo que é representado na mídia como “ideal”. (ANDRADE, 2003, p, 110)

A sedução causada por essas vias midiáticas, em ênfase na nossa fonte emerge na nossa contemporaneidade novas formas diversificadas de entender o corpo. As significações culturais e sociais também são construídas e impressas nos corpos, entendendo o corpo como fator histórico, não apenas as semelhanças biológicas mais os conceitos revelados por ele. A partir dessa reflexão podemos entender que a nossa fonte pode nos trazer conhecimentos históricos, pois revela corpos, totalmente nus que são considerados belos em seu contexto histórico. “O desenvolvimento do cinema e da televisão com seus astros e estrelas revestidos de um caráter mitológico muito contribuiu para os profissionais dos cuidados com o corpo venderem suas imagens e produtos”. (CASTRO, 2007, p.25). São esses seres mitológicos que são mostrados nas páginas da Revista Playboy (1975-2005), que vão influenciar em suas épocas os novos tratos com os corpos.

(...) encontramos a androginia mais absoluta, em que cada um quer ter as formas do outro, com todas as suas conseqüências. Inclusive aquela terrível, de que quando nossas preocupações físicas tomam a frente, elas significam o medo e a recusa dos que são como nós. Mas se percebe que a nossa sociedade valoriza não a identidade, mas a identificação. (DELL PRIORE, 2000 ,p.81)

A Revistas Playboy (1975-2005), que foi lançada primeiramente nos Estados Unidos em 1953, a partir da idéia de Hugh Hefner ao pensar numa revista que tratasse do principal tema masculino, a mulher, com 54.175 exemplares vendidos, a mesma chega ao Brasil em 1975 tendo como capa a modelo Livia Mund, modelo brasileira branca que não condizia com o referencial de mulher brasileira, a mulata, podendo assim ser analisado o primeiro ponto de transgressão ou transformação da nossa fonte:

Intimamente ligado o da juventude e do efêmero, o culto à beleza torna-se desafio ao tempo e, mas dramático, ao próprio homem. Pior é quando um modelo de beleza nosso, mestiço, passa a ser ameaçado pelo que vem de fora. (DELL PRIORE, 2000, p. 81)

Podemos compreender que o nosso modelo de beleza é ameaçado pela nossa fonte, pois quebra a imagem mestiça, mulata da mulher brasileira e traz consigo um novo modelo, a Revista nos mostra primeiramente uma mulher brasileira, mas que é bela por ser branca, construindo ou reforçando no país o ideário de beleza européia.

Quando a Revista Playboy (1975-2005) chega ao Brasil, o país vivia sob censura realizada por uma Ditadura Militar (1964-1985), tendo a sua publicação com nome modificado do original – A Revista do Homem – apenas em julho de 1978 na sua 36ª edição a revista pode estampar seu verdadeiro nome e logotipo que é usado até hoje, nessa capa tivemos Debra Jo Fondren modelo e atriz norte americana, loira com cabelos que se alongavam até o joelho, afirmando ainda mais o modelo europeizado de mulher branca como ideário de beleza, mostrando agora não apenas a mulher branca e ainda de outro país.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, esta nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros,, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAUL, 2004, p 119)

Como nos fala Foucault se constrói em cima dos nossos corpos uma “mecânica do poder”, que esquadrinha o corpo em suas diversificações para seguirem um padrão, principalmente para operarem como os parâmetros instituídos, “ o corpo esta preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAUL, 2004, p . 118). Que mulher não se encontra insatisfeita com o seu corpo, ou alguma parte dele, pois o interior dos poderes elegeu um parâmetro de beleza, o qual não se modela a outros nem permite outro que não seja totalmente igual ao elegido ideal, assim a mulher se ver obrigada a seguir cada milímetro desse padrão:

Que mulher em nossos dias, não sonha em ser magra? Mesmo as que não apresentam nenhum excesso de peso por vezes deseja emagrecer. Em 1993, 40% das francesas queriam emagrecer, das quais 70% por razões estéticas. (LIPOVETSKY, 2000, p. 132)

Dell Priore vem completar:

As partes menos apreciadas do corpo feminino, e portanto sujeitas a mudanças graças ao bisturi, seriam barriga (16%), seios (12%) e rosto (9%). Por que isso tudo? “Medo de envelhecer”, confessa uma entrevistada. “A hora que cair tudo, eu subo. Não tenho o menor pudor”, afirma [Claudia Raia] conhecida atriz. (DEL PRIORE, 2000, p. 82)

O aparecimento dos novos discursos médicos a frente do corpo, não mais um corpo que se controla para ser apenas sadio, mas que esse sadio esteja atrelado a um corpo ideal – belo – para ser mostrado, ter cuidado com cada individualidade do corpo se tornou importante para que a mulher consiga ter êxito na batalha para atingir o corpo “perfeito”, não basta apenas malhar, fazer dieta, os médicos trazem a nova revolução cirúrgica para o corpo – as próteses de silicone – tudo o que você não poderia mudar, agora tornou-se possível e prazos curtíssimos, o que a academia ou a dieta ainda não tinha proporcionado. Os seios que não poderiam ser modificados com exercícios físicos, agora pode ser transformado, aumentado e desejado. O seio por muito tempo foi visto como provedor de alimentação para as crianças, mas agora pode ser valorizado pelos homens, em referencia ao tamanho, e desejado pelas mulheres, para que elas possam ser consideradas sedutoras por seus parceiros. A valorização do sei grande veio atrelado ao possível aumento de tamanho propiciado pela prótese de silicone. Como nos mostra a Revista Playboy (1975-2005) a prótese de silicone também entrou para o padrão de beleza perfeito e é mostrado primeiramente na edição 293 de dezembro de 1999 que teve como capa a modelo Joana Prado (Feiticeira)<sup>2</sup>.

Analisa-se ainda que as mulheres fotografadas na Revista Playboy (1975-2005) sejam sempre mulheres jovens. As possíveis rugas, ou marcas devem ser preenchidas, cobertas por maquiagem ou apagadas, com a ajuda de muitos artifícios computadorizados.

Ou seja, a mulher não pode aparecer na nossa fonte com nenhum ‘defeito’, caso não consiga corrigir com a ajuda da medicina ou dos artifícios da maquiagem se recorre aos programas de computador como vimos anteriormente. [...] o milagre efetivamente ocorre no computador. Não importa se a mulher é uma garota, uma balzaquiana ou uma

---

<sup>2</sup> Personagem criada para exaltação da sensualidade feminina, substituta da modelo Suzana Alves (Tiazinha) sendo ajudante de palco no Programa H da Rede Bandeiras de Televisão, apresentado por Luciano Hulk, que teve início em 1996 e fim da primeira fase em 1999, com a saída do apresentador para a Rede Globo de televisão.

cinquentona: sempre há alguma “imperfeição” que é apagada. (DEL PRIORE, 2000, p.). O que a nossa fonte também nos traz sendo visibilizado primeiramente na edição 296 de março de 2000 tendo como capa a modelo Suzana Alves (Tiazinha)<sup>3</sup>, onde em algumas fotos aparecem a marca do biquíni em outras está totalmente apagada, falhas do uso exacerbado do programa.

Ao valorizar o corpo belo se constrói uma idéia que só quem o possui pode ser feliz. Por isso, ao conseguir esse corpo tido como belo a mulher acredita que será completa, estará feliz, pois tudo na sua vida parece se tornara mais fácil, uma vez que se tem um corpo “belo” às relações sociais, profissionais se tornam mais fáceis, porque sua fonte de apresentação está dentro dos padrões desejados por toda a sociedade.

A mulher que não se vigia nem se controla faz parte dos novos desviantes, novos estultos, inábeis de cuidar de si. Constroem-se assim as bioidentidades<sup>4</sup> dos indivíduos responsáveis e, ao mesmo tempo, dos desviantes, por oposição e reprovação. (ORTEGA, 2008, p. 34)

Além de se propagar um ideário de beleza na sociedade e - em particular aqui nesse artigo - na Revista Playboy (1975-2005) pode perceber o quanto esse poder, esse padrão de beleza, influência numa cultura e na construção da identidade feminina a frente do seu corpo, excluindo quem não corresponde a esse parâmetro e tornado “feliz” quem se encontra encaixada nele. Os novos discursos sobre o corporeidade pode ser muito bem explicado na nossa fonte. Analisando as páginas da Revista Playboy (1975-2005) podemos mostrar como a história de uma sociedade se modifica através das modificações corporais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

---

<sup>3</sup> Personagem criada para exaltação da sensualidade feminina, sendo ajudante de palco no Programa H da Rede Bandeiras de Televisão, apresentado por Luciano Hulk, que teve início em 1996 e fim da primeira fase em 1999, com a saída do apresentador para a Rede Globo de televisão.

<sup>4</sup> São os procedimentos de cuidados corporais, médicos higiênicos, e estéticos na construção das identidades. (ORTEGA, 2008)

ANDRADE, Santos Sandra. “Mídia impressa e educação de corpos femininos.” In:  
LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs).

**Corpo gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a Mulher.** Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 29º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher:** Permanência e revolução do feminino. São Paulo; Companhia das Letras, 2000

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto:** corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

### **Revistas Pesquisadas**

Revista do Homen. Editora Abril, 1º Ed. Agosto de 1975.

Revista Playboy. Editora abril, 36º Ed. julho de 1978.

Revista Playboy. Editora Abril. 293º Ed. Dezembro de 1999

Revista Playboy. Editora Abril. 296º Ed. de março de 2000.